

P Ê N D U L O



NELSON CERQUEIRA

P Ê N D U L O

poemas



IMAGO

Créditos

APRESENTAÇÃO

O grande responsável pela publicação desses poemas foi o Ildásio Tavares (1940-2010) que ao tomar conhecimento de um amontoado de manuscritos produzidos por mim nos últimos 40 anos, cerca de 1800 textos, decidiu que eu deveria publicá-los. O passo seguinte, apesar de alguma resistência de minha parte, foi a proposta dele de selecionar um conjunto dos poemas para a primeira publicação.

Ora, entreguei o calhamaço, como dizíamos, na década de 60, na redação do antigo Jornal da Bahia de João Falcão, para que o Ildásio, com a sabedoria poética dele, escolhesse o que lhe tocasse melhor. Após seu detalhado vasculhar, retornou-me o resultado para opinar. Não opinei. Disse-lhe que fizesse o que bem entendesse como conveniente com os textos e selecionasse o que e como quisesse. Não queria opinar sobre a amostragem. Não poderia emitir opinião, pois para mim qualquer amostragem seria igual e diferente. Esse seria o conjunto dele. E assim foi feito.

Ildásio fez, em seu estilo literário, a introdução econômica para os textos e também decidiu que a Imago, editora com quem trabalhava, deveria ser nossa parceira nesta aventura. Disse-lhe que concordava sem restrições e seguimos adiante.

O processo de produção foi lento, pois pensava o Ildásio que o livro deveria ter umas ilustrações de um artista plástico, amigo seu. Chegamos a trocar idéias várias sobre as ilustrações, mas enquanto a roda rodava o Ildásio partiu. Ficamos ainda algum tempo na idéia das ilustrações, mas terminou não se materializando. Fica a hipótese dele para uma segunda edição.

A partida de Ildasio gerou uma parada no processo, mas o Eduardo Solamão voltou à idéia do livro e retomamos o caminho. Mantivemos todos os pontos que o Ildásio houvera definidos, inclusive o título. Alguma re-arrumação e pronto. Eis o livro.

Um amigo poeta queria fazer essa apresentação com um texto interpretativo, mas achei que seria melhor apenas contar a estória do surgimento do livro. Tenho uma montanha de coisas escritas, algumas considero interessantes, outras como diria Kafka, não tenho coragem de queimar. Alias, se tivesse queimado tudo em minhas andanças pela França, Alemanha, Itália e muitos anos nos Estados Unidos, o Ildásio não teria feito essa seleção que hoje chega até a livraria e aos nossos ouvidos.

Uma vez, enquanto passava 55 dias no Canadá, levei um alforje de poemas comigo para atuar sobre eles com o olhar de T. S. Eliot e seus objetos correlativos, visando eliminar a emoção transparente na linguagem e na escolha de terminologia. No ultimo dia, a caminho do Brasil, deixei o alforje no hotel e nunca mais o vi. Sobrou um poema que estava no meio do amontoado explorado por Ildásio e aqui publicado com o título de ‘As Três Irmãs de Alberta’.

Se eu fosse contar a estória desses poemas, seria um texto maior que esse ocupado por essa produção sintética. Por isso, talvez conte parte do processo de produção de cada texto em algum espaço aonde possa falar da intimidade e do outro lado do processo de construção de meus textos, poéticos ou de pesquisa, de acordo como a percepção e pendularidade de minha alma. Cada palavra é autobiográfica. Cada palavra, cada verso, sem pontuação ou marca, é autobiografia e traduz meu entendimento acerca da língua e da linguagem: nua e livre, para serem cobertas, eventualmente, pelos olhos do leitor.

Nelson Cerqueira

O PÊNDULO DE NELSON

Nelson Cerqueira é dessas pessoas que a gente acha que sempre conheceu. Afora o tempo que passou nos Estados Unidos aperfeiçoando-se, Nelson sempre vem atuando significativamente quer na via acadêmica, quer na literária do nosso país. Com sua ampla formação universitária, este escritor tem prestado relevantes serviços, inclusive como reitor de universidade. Seus livros verticais e lúcidos preenchem uma lacuna numa Bahia rica de artistas, mas pobre de ensaístas.

Ao me debruçar sobre o *corpus* de sua obra poética, com intenção de extrair uma seleta, fui, de chofre, capturado por uma poesia que rejeita a leitura superficial; que exige do leitor cuidado e atenção. Um texto, aparentemente simples e discursivo, pode ocultar uma armadilha polissêmica, e o texto de uma pessoa densa e complexa como Nelson não podia ser de outra forma. Aliás, a boa obra de arte não se esgota na primeira interpretação. Quando um seixo cai em água rasa, faz um pequeno barulho, nada mais. Se a água é profunda, sua queda provoca círculos concêntricos.

Esta é a poesia de Nelson, uma espiral, um vaivem do pensamento que não poderia trair sua origem barroca. E, apesar de sua profundidade de questionamento político, social, filosófico e existencial, não é discurso tedioso de certos poetas meramente metafísicos ou engajados em proselitismo político. É agradável à leitura; é prazerosa a poesia deste almirante do verso. Isto porque, ao fazer poesia, ele é eminentemente poeta, porque assim se determinou a ser. Aqui e alí, ressaibos do pensador, do ensaísta,

mas isto é apenas incidental porque o poeta sobrenada o discurso e a linguagem poética batiza todo texto. Nelson é poeta.

Ele esgrime e redondilha em alguns dos melhores poemas, mas domina, na maioria, o verso livre, muito mais difícil de realizar porque o metro, o poeta recebe pronto como fôrma, é só preenchê-la. O verso livre não tem fôrma *a priori*, o poeta tem de inventá-la. Sucede, então, que os maus poetas pensem que o verso livre é qualquer coisa, é mesmo livre. T. S. Eliot dizia que nenhum verso é livre se o poeta quer versejar bem, porque, acima de tudo, o verso livre não pode ser prosáico, a não ser como intenção estilística.

Nelson sabe e sente o verso livre com uma escorreita seleção vocabular e uma cadência, por vezes, encantatória em que, de repente, surgem paralelismos e rimas insuspeitadas. Uma linguagem aparentemente solta mas toda ela amarrada ao pensamento, sem conflito entre o *signifié*/*signifiant* como vejo muita gente, hoje em dia, falando de uma coisa com o som de outra. Filtrando sua vivência da agônia civilização americana ou expressando a agrura do sertão, Nelson desenha uma paisagem verbal de alta expressividade.

Ildásio Tavares

o encanto sem príncipe

menina minha menina
menina flor de canela
para onde que tu fostes
que já não te vejo o rosto
vem dizer-me do amor
contar da morte o segredo

contar da morte o segredo
ou da juriti o voo
eu vi maria das dores
cortando cana caiana
procurei-te em minha arena
e do sol não vi o raio

sempre que em teus olhos penso
a dor cá me corta o peito
viajei para ver-te o riso
e não houve lua cheia
mangue seco das promessas
fez-se escuridão de maio

de nova iorque a paris
de xique-xique a são felix
procuro em ti a memória
dos espelhos que vivemos

e sobre este chao de estrelas
vejo do vento o retrato

meus pes na terra nao pisam
nem no horizonte ha luz
quero navegar-te as ondas
quero penetrar-te o mar
mas quando acordo na praia
corto a face em teu silencio

nao sei para onde vais
nao sei se partes ou se ficas
quero ver-te na janela
quero beijar-te os olhos
se nao vives na floresta
como posso achar-te o ninho

mare cheia

sobre a cama estreita e nua teu corpo
a simplificar-me as rotas do misterio
sobre teus seios a liquidez se materializa
ligando as grotas ao cegar do sexo
sobre a cama estreita dos pes a cabeça
corta-me um frio nervoso de ansiedade eterna
sinto teu arfar vir e vestir-me a nudez
larga e inundada de afeto entre gritos
corro perdido em frente da portada
onde tua fazenda inebriante aguarda-me
para arrefecer o calor a desvair-me o ser

sobre o horizonte estreito desta cama nua
tento interromper o percurso da noite aberta
tento limitar o folego da morte na garganta
tento sobre teu corpo nesta cama estreita

bloomington
março | 1985

minha viola e um canto
que te busca em tua essencia
sou um pastor sem donzela
um maluco sem hospicio
sempre que olho ao norte
vejo o sul em um quadrado

vejo o sol em um quadrado
e teus seios em um redondo
busco a flauta e o bezerro
no beijo que de ti perdi
se do sono tu acordas
nao esquecas meu nariz

nesta tarde de enxofre
nesta noite de demonio
menina minha menina
vem depressa a meus bracos
tenho um punhal de ouro
menina minha menina
a tua luz ja desnudo
domador de sonho brabo
beijo o tudo e o astral

1984

estoria recriada

vem sagrada fala
de meus desejos
minha lira
minha amada
meu mundo
minha mulher
minha flor de maracuja
minha amante
minha minha
transforma-te em meu poema
louco
por novo começo
início-te
com palavras de fogo
que são boas
para se ouvir
e nem queimam
apalpo-te o tudo
a fita purpúrea
em teu cabelo
as flores frescas
caídas em teu olhar
a lua
o sol
a cama
em cada meia noite
quando te conluo

sinto que me queimas
e ao extinguir-me
recrias-me
com novas palavras
de fogo
queimo-me
ao queimar-me
em cada meia noite

bloomington
1985

fiesta lxi

chuvas chegam do norte
rezas ressurgem nos ceus
ruge o furor dos rios
plainando nas plantacoes
na visao visgam-se as aguas
cobre-se de barro o passado
em dois navios de mil anos
voltam com naves sem aves
barcos de pesca barulham
embaixo de espumas bancas
a frente de exercitos e raios
o verao vomita odio
nas asas iradas do vento
e molha a face mudada do mundo

bloomington

1979

terceira carta

se tu me amas recebe-me de volta
cheio dos defeitos encontrados no caminho
para antigas veredas
que conduzem a onda perdi meus prazeres
na terra de amores impossiveis

eu sou sempre diferente mas o mesmo
caio diante do castelo mistico
que sobe dos subterraneos de virgilio
onde os perdidos sao reencontrados
aceita meus sinceros maus habitos

tu poderias aliviar minhas traicoes
ao aceita-las como purgacao da alma
procurando atraves das cavernas
encontrar eu a crianca tu o gigante
beijando-me os olhos mutantes

o gelo que pode queimar-me o fogo
jamais alcanca a rota de nosso encontro
mantenhamos uma ultima chama na pira
estarei na porteira sempre a tua espera
este teu monstro de amor que vai e vem

1978

encontro das aguas

neste silencio triste e sonoro de metais
meus beijos sem teus beijos nao sao beijos
sob teus pes a furia do atlantico
reduz-se a geometria de analise definida
linha reta de espumas sem contorno
cada vez que te vejo em pleno mar
faco-me rio
e sem teu consentimento espraio-me
matizando minhas aguas em tuas aguas
a sentir-te o protesto e a tentativa
de dizer-me nao entre gritos de afirmativas
do afogar-se possivel em tua foz
pergunto-te meio tonto e sem um ponto
porque sera que como rio aceito
agua que nao e de rio
e tu como mar que eres
nao aceitas agua de nao ser de mar
porque sera que teus beijos
querem ser beijos sem meus beijos
prometes-me resposta
mas vejo que ja as escondes atras da porta
sem me deixar a chave
embaixo do tapete
conforme combinamos

new york
1984

testemunha ausente

este domingo tu dancas o meu lago
falas de fatos alegres e finais
sorris o rosto largo ante risos
de seres alheios a despir-te a alma

este domingo se soubesses o langor
que me devora o resto de existencia
o temor que passeia a calcada nua
se dancasses a dor que me possui
ao ver-me de teu amor estranha

este domingo serias um rosto palido
coberto de rugas e rustico palor
pois em minha face nao existem risos
todos retiddos para outos calendarios
em que junto a ti jurarei jamais
deitar-me em tua cama de ausencias

este domingo sem poder morder-te
os delicados ombros
sem poder arranhar-te o sexo nu
sem poder rasgar teus risos largos
a impedir que te dispam a cru a alma

este domingo de linguagem nua
este domingo nao ha de ser meu ultimo

bloomington
1981

cinemascope iv

havia um vazio de vida no ex-passo
mas nao havia tristeza
em mim vivia um curto-circuito
de gato domestico
em ti um riso de pantera
enjaulada
atraves de janelas de onibus
via-se as longas e retidas
lagrimas do crepusculo
sobre a brincadeira
vermelha e negra das nuvens
na ansiedade de ser
dia
quis esconder-me
atras daquele traco de ceu
mas nao havia refugio
ao descoberto total
tu lias minha alma
divertida
uma a uma as resteadas vermelhas

faziam-se um negrume
com um murmúrio funebre sobre as águas
da baía imaginada
houve um momento de silêncio
em teus olhos
em que tudo permaneceu
mudo
imóvel
impenetrável
passei as mãos na superfície fria
da pia
para assegurar-me
de tua presença
após todos estes dias de emoções
entrei no quarto x
e apaguei a luz
ao passar da mão pela parede branca

los angeles
1986

cinemascope v

conto as estrelas
que habitam
o ceu de los angeles
e pergunto
qual sera
que brilha
sobre tua cabeça distante
em mundo de areias magicas
as estrelas
permanecem silentes
nesta noite
sem orvalho
molham-me as maos de saudade
cruzo rios
oceanos
lagos
mares
a perguntar
qual a hora
que cruzarei

a soleira
que te separa
de outros rios
mares
e lagoas
as aguas nao me dao resposta
nesta noite
conto as estrelas
de silencio
que varam meu peito
e se fazem permanencia
absoluta
despontuada
em minhas veias tremulas

los angeles
1986

cinemascope vi

uma tempestade destampa-se no céu
relampagos rodopiam na floresta
não é o som do vento
mas o eco de alguém que cai
tua face fricciona-se em meus ouvidos
um ramo em chamas
uma paixão em labaredas
toda floresta vermelha
musa minha
não temas
sou eu apenas
tempestade na noite
e no dia
não separo céu da terra
nem fogo e água
queimo-me em ar
mas esta é a madrugada
viva e dourada
sem trovões
nem gritos de vendaval

uma sombra
na esquina
a frente
pergunta ansiosa
já es em leda
dionísio
ou quem es
novos relâmpagos rodopiam na floresta
e já não resta corisco
que não seja espelho
destas labaredas líquidas
guardadas atrás de tua porta
rindo-te
ao ouvir-te em fugas tentativa

los angeles
1986

soneto universal

cajueiro encantado
pesa tanto este fado arado de sedes
rede reza o eco deste sino
que acabas de tocar

uma ventania envolve o furacao
um outro tempo atempora o espaco
uma outra galaxia cai redonda
ante o branco da mente e do traco

qualquer coisa estas para la
para la de qualquer coisa
que no tempo coisifica meu querer

dizer agora
nao falar depois
sentir-se no sentir

salvador
beira vale mary jane tita e outros

poema do pendulo - 5

petrifica-me usa-me usando-te
em tua desenfreada determinacao
para entoar o momento
pegas pelo pe tua caca e a imobilizas
docemente ate
registro eterno da noite
porque nao divisas luz e sombras
tomas os seculos por horas
e moves teus ponteiros em contrarios

oh oscilante amante de vaga-lumes
louva-deus em busca de sol e agua
brisa e ventos suaves
lanca-te sem previsto a cachoeira
es o teu zumbido

bates-me com tuas aguas e chicoteias
suave e consante nesta queda tepida
tua luxuria
queres tempo lento de instinto
es a determinacao a passear em ruas sinuosas
isso seduz e cega
amas louca mente
cinco minutos ou a inteira vida
como os bichos ficas

quietude
olhas tuas mazelas

e beija-as para mudar de planos
fragil aparencia
inesperada
de enlouquecedor poente

irara bahia
1984

cantabile

chove nos fins de tarde de junho
como chovia menina nos anos de infancia
a chuva que cai leva o vaga-lume
e traz em cada gota a imagem presente
presente nas letras nao imaginadas
presente no poema nunca escrito
e nas alucinacoes da metфора em fuga
a chuva
cachoeira no pensamento
cai de paraquedas
e se faz pedra no passeio
dancando cantabile nos cabelos negros
fonte de caricias de meio-dia
rindo da tristeza da chuva de junho
um gesto de desencontro
de quem encontrou pandora na acacia de maio
nos abraços de suas petalas
e eletrons de corola

2

volta a chover nos fins de tarde de junho
na alegria dos cabelos negros
inundados de sol

1984

denuendo

o dia começou cinzento
e logo se foi fazendo vermelho
veio o sol
foram-se duas horas
de transformacao de cores
sobre as aguas de mar de inverno
os primeiros carros
reluziam multidoes para o officio
outros ficaram olhando o nascer do sol
na areia os siris saiam para um passeio
brincando de fazer buracos
e amor

2

os homens separados dos siris
mordiam-se por cada nova moeda
ante a liberdade vestida de veu negro

cinemascope xviii

sss sss cigarras
cantam cantam
cantam cantam

as ondas de som
de tua voz
em meus sentidos
em meus olhos
em meus ouvidos
em minha boca

as ondas de som
de tua voz
gravadas
em minha pele
em meus ossos
em meus nervos

as ondas de som
de tua voz
fogem fogem
fogem fogem

nota apos nota
nota apos nota
nota nota

los angeles
1986

cinemascope xii

a vida
todos pensam ser um sonho
errado
sem mata-borrao que limpe
enquanto buscas uma pagina limpa
de borroes
um sofrimento de vida
comeca apenas
talvez queiras o branco de neve
guardado em sete chaves
e mais uma
mas nao esquecas que a vida
cruza os imensos sete mares
de escuridao
eu digo-te hoje e ontem
ontem e amanha ser o mundo
se o mundo nao te abandona
porque o queres abandonar
deixa a vida acontecer
com a naturalidade do nada

livre como uma nuvem qualquer
aos pulos de crianças
em ritmo de música e frenesi
fora a vida um sonho
porque não deixa-la ser
este sonho de encontros
absorvido em teus pensamentos
deixo teu rosto correr
pela estrada entre imagens
lanço um ramo de folhas
sobre a corrente do tempo
e recurvo do olhar
para encontrar-te
em minha sombra
sou esta nuvem de crianças
a libertar-te a vida
como ou sem mata-borrão

los angeles
1986

cinemascope ix

um sonho precipita-se em existencia
nele dilacera-se minha alma
melhor seria acorda de vez
que ter um sonho tal

em minha janela plena de luz
muitas sombras de flores
sombras de montanhas
sombras de coqueiros

o silencio reina no quarto
fora dele em tudo
nunca tao aleijado
nunca este quadro
impossivel de ser pintado
ou descrito
nunca este mundo
que nenhum sonho pode sonhar

passa ja da meia noite da vida
ha apenas alguns para a madrugada
de longe ouco-te o grito e o bocejar
a rasgar o estreito abismo de silencio
a tentar acordar-me deste sonho
que apenas comeca a ser sonhado

cinemascope iii

erva vermelha

irma menor

do amor despercebido

respiravas forte

seguia-te os gestos

os labios redondos

semiabertos

como uma sombra

no interior de quente flor

respostas escondidas

atras de portas de aco

tuas maos tocavam-me

cantavam no jardim

nas pistas de san fernando valley

era outro dia

nosso segundo

de encontro

em teu quarto reluziam

os olhos do oceano do sul

e a resina de aroeira

haverias de voltar

o vento voava
na varanda
e em tuas brincadeiras
partindo a poeira
da calçada
e voltava ao bojo de baías vivas
rompidas em ervas estranhas
como ondas sinuosas
a recriar espumas
de novas flores selvagens
 tua cama fresca no corpo
ausente range de saudade
havia revirado a cabeça
para os lençois tocarem
teu pescoco
e o forro a orelha morna
as mãos dançando uniformes
 teus sonhos sacudiam-me
sem que o desejasses
nesta noite de sono e desejos
para que tanto gritar de amor
se a infelicidade e a ausência
são os materiais

o sol materializa-se em milhoes
dentro
do ar
dancando e rindo de meus gritos
alienados fragmentados
depois volta-se-me timido olhando em risos cumplices
o dedo a dormir no silencio
enquanto me abrias
e
fechavas
as maos
os olhos
a boca
 alguma vez diante de teu olhar
de atencao indiferente
possuia-me uma restea
de vazio
a pincelar-me o estomago
 tua atencao voltava-se
para um querendo reviver
as negacoes
presas de teu anseio
 tudo era assim

uma fuga
de tempo e
de desejos
reprimidos
tudo sofria nas cores da avenida
movendo a perna cruzada
a recuperar-me de celula em celula
com os mercedes a passar a cada hora
mas ja nao queria tal defesa
deixava-a em pedra de zinco
para tua decisao
fazias tua construcao
de muros
negocios
e de conversa magra
enquanto acordava para o brilho do sol
a descobrir meus pes sobre o vazio
da manha entorpecente e brumosa

los angeles
1986

poema do pendulo - 6

faco todas as vontades de teu corpo
de teu sexo morno de vaga-lume
para vive-lo inverno e verao
como um utero primaveril sem outonos

minha recordacao de embriao
vem entrega-me as tuas maos e axilas
meu corpo e lua cheia de raizes fortes
numa luta redonda e feliz
cravada num mar de muitos medos

bloomington

1979

cinemascope ii

se a vida e uma metáfora
 como assim o desejo
se as cores de meus sonhos
 são carros de corrida
a pedir-me direções desconhecidas
mas sempre previsíveis
 em meus neurônios
se teus olhos gravam
 santa monica
 em instante
e os meus perdem-se no branco
da página pingada de negro
 com relance de fragmentos
 de paisagem
 sem sentidos
abrem-se nas baías
 e marinas do pacífico
com águas de ciclone
 em curvas pontas
que entreabertas permanecem em cores indecisas
no transmutar dos carros azul vermelho e negro
em busca de quatro cantos
 da terra
 em delírio
 onde disseramos aos desejos que estaríamos
há expectativa e
 halito morno de amor
a aquecer o frio inesperado
da manhã
 que corre em ônibus escolar

pela estrada repleta de mitos
e determinam
faltam-me forcas nos dedos frageis de acao
que te apontam as montanhas
onde vivo isolado
{pm.pm.} onde o pouco verde
foi pintado por teus
seios
assim como pinto de presenca tua ausencia
neste resto de manha que
rola
ladeira
rola
quisera que tu fizesses de meu corpo
os asteriscos vivos
das pistas de los angeles
onde o desconhecido faz-se fogo
a tremer ate estas metáforas
a transportar
o pao de minha fome
este sinal verde
de percepcao vermelha
diante de meus pes e
mas ha de voltar-se
verde
com o mutar desta imagem
{leao da metro 34 p8*p e coisa tal}

los angeles

1986

reino magico

debruco-me sobre a baia de todos os santos
em busca de teus olhos

no reino azul do oceano
minha presenca e tocada pela garra
ferrao forjado em teu brilho
mosca azul a zumbir
em volta de meus misterios
finjo fugir de teu fogo
o zum-zum-zum de teu corpo
e um crivo amordacando-me
lente de contato sem ato
numa moldura movente
estatua presa pelo toque fatal
de mosca azul

em meu reino embriagado de atlanticos
onde te reconhecem meus olhos de mil anos

bloomington

1981

poema do pendulo - 4

oscilas sem parametros a cabeca
mas absoluta em molto allegro
segurando a inseguranca pendulo
que gira preso a uma ancora
de vontade

precisas segurar as redeas
e apaixonar-te por ti mesmo
na minha frente a tua
simples e complicada
com aplicadas sombras

um tipo de humor especial
dilacera meus vestidos em tiras
mas se espanta diante de teu ar
meio riso maroto ironico nada

de serio a meu respeito
sou extremamente comedida
quem conhecer o ciume
adorara a divisao fragmentaria dos seres
adorara estracalhar a natureza
em plantas e pedras
folha agua ceu sol mar horizonte
amor e livros
em um rio concreto

teu oxigenio esta a mao
apaixonas-te por milhares
atiras-te inteiro em mergulho de cabeca

possessiva

lanca tuas maos de aco sobre o nada
mas lembra-te das luvas de arminho

poema do pendulo - 3

o que machuca engrandece
como batata diante do espelho
mesmo sozinha fico calma
seguro-me num fio de fim

ansiosa

uma voluptia carrega-me
amar e meu verbo
mostrastes-me o mundo
com uma luneta encantada
muito tua
iluminada
brilhante
luneta divina
deitei-me e rolei-me sobre
o liso e o fosco
hoje sou um cavalo

a galope louca de desejos
nervoso trio eletrico sem carnavais
determinada por razoes absolutas
suaves e constantes
marcada de tempo e de olheiras
numa exaustao de prazer
nada para em meu rosto
deve ser coisa do vento

galopo sob redeas curtas
de repente a solidao pega-me
imatura ludibrio-me baratino-me
e ficamos as duas a disputar uma ciranda
o chao rindo quer deixar-me os pes

e a fuga imprevisivel de 17 de junho

poema do pendulo

sabes como sou engracada
cravada num mar de muitos medos
tenho um ponto nitido de certeza
antevida mas vida vivida
voltei
por que so agora com emocoes domadas
posso ver mais clara mente
so agora sei disso
minha vinda a terra santa
acola no mundo lacteo
aonde tinha-te
nao podia predizer a distancia
entre o carinho com que te vivi
e
assistias-me

e a verdade de uma separacao
acesa em minhas entranhas meninas
mas sabia deste fogo verdadeiro
desencontradas labaredas ao vento

veio-me um desafio gentil
voltar a terra santa
impulso repulsa pelas leguas
angustia medo momento e decisao
em minha insonia

um desfilar de emoções contidas
e desencontradas

o erro não habitaria meu barco
confiava no que fazer
mas o que iria fazer

o rio e a rosa

1

luzes luzes onde leita o meu repouso
o vento da voltas e volteia junto ao rio
algo toca-me a face em que teu halito
dentes e labios comemoram em risos
quando eu faco em pedra o que tu fazes
beijo belicoso de tua boca o brilho
de tua pele risonha o palido roseo
ruinas das metades astrais de meu arfar
tu abelha a lambuzar-se em meus rios
enquanto aos volteios volto sem o vento

2

respiro-te no ar puro da manha em pausa
perimetro de minha timidez
rosa rosa rosa
rosa que me roca
aos gritos de extase grudados na distancia
somos a uniao de estrelas a dançar o sol
materia transformada
despertas meus limites de vida e desespero
e lancas fogo e agua em minhas esperancas

salvador

1981

estoria de poesia

nunca estive perto de tua felicidade
a poesia me minimiza o sofrimento
enquanto viver lembrarei de teus olhos
guardarei o teu cheiro e o teu gosto
e se quando nem mesmo houver
ainda assim te sentirei no vento na chuva
para enfim pedir ao sol que me queime
e me faça sentir em teus braços como antigamente

a poesia conta-me estorias de poesia
pois assim
fostes o zangao no voo da abelha prometida
tida vencida contraria as leis da natureza
e se morta uma cigarra te cantara minha voz
em noite de calmaria toda minha saudade

sofrimento conta estorias de sofrimento
alegria estoria de alegria
enquanto viver lembrarei de teus olhos
guardarei o teu cheiro e o teu jeito
e se quando nenhuma memoria houver
ainda assim o vento ha de soprar alguma
poesia
e nao completamente morta hei de sentir-me
entao

sem ti a vida e apenas um tempo de memorias
sem ti nao posso escrever novas estorias
o que me resta e a poesia da poesia

jerusalem

1981

hiato temporario

entre a rosa e seus espinhos existe
uma relacao intima de troca e amor
existe uma integracao de existencia
nua sobre cada braco existe sem que
um tente negar ao outro embora se
oponha em essencia existe a coerencia
de um amor alem do todo amor existe

entre teus olhos e os meus existe
uma relacao de rosas e espinhos assim
todo momento que me pensas rejeitar
existe um de impossibilidade tamanha
a uniao intrinseca de um corpo mistico
a navegar distintos mares em caravelas
dependentes existe amor alem do medo
mais forte que um furacao em noite de
lua existe para minhas maos para teu corpo
a sintese de rosa e de espinhos existe

bloomington

1983

musica e musa

no horizonte
na esquinado mundo
nas florestas virgens
nao ha apenas a poeira a voar
nem o nevoeiro
nem apenas a fumaca
no horizonte sem brisa
as arvores balancam em silencio
selvagens mas gentis
nos bosques bravios
insetos
animais
cada par sabe mais do amor
que aqueles acotovelados nas pracas de nova iorque
vem musa
conta-me canta-me
as novas musicas destes bosques
estou perdido em cidades grandes
ja te ouco a voz os cochichos os murmurios
nos tumulos cinzentos da avenida
sem estrelas
e de repente sobre a calcada esteril
caem gotas de orvalho
fazendo nascer rosas nos passeios rigidos
mesmo que esta onda e vida sejam um sonho

deixemo-la ser um sonho transparente
a inundar as cidades
com o halito dos ventos
que emergem de nosso halito em fogo

1987

cinemascope x

esta pitangueira
repleta de vermelho sangue
isolada da multidao das pitangueiras
vem ao meu encontro
olha-me a face adormecida
e em palavras de silencio

diz-me nao termos companheiros
ela e eu
entre os mundos do sul e do norte
outono e primavera nascem em cada rosto
minha voz
minha palavra
meu sofrer
o outono vem lavar
resta buscar tua primavera
no desabrochar de pitangas vermelhas

los angeles
1986

a re-volta do sol

muitas coisas mudaram neste vale
as flores ainda são da primavera
o sol continua impassível ao meu grito
e a mangabeira nem por isso já deu coco

muitas coisas mudaram neste vale
o homem tem por meta rindo a liberdade
os olhos já se quebram em cada esquina
e os governos continuam em cada barco

muitas coisas mudaram neste vale
você mudou da tarde para a tarde
o piano esse agora toca sem as notas
a boca pendurou-se na casa de aranha
e o corpo despencou da sombra da aroeira

muitas coisas mudaram neste vale
eu continuo com a alma incolor
afogada nos cantos da espuma do mar
antes tenebroso hoje menino do peito
que chora na areia areia cor da noite
tranquilo navegando em meus pés

o sol vem aí e os olhos são miopes

montreal

1978

fiesta xxxvi

os ventos do sul vozeiram
primeiros gritos de primavera
no pais e na carne do carnaval
em volteios e enleios do universo

os cortes das cortas cantam
a chegada do cego de anjico
mas os sonhos distantes sombras
ventam fino sobre o destino

flores nao veem gravetos
nem a ternura do norte
por sobre a lua de cera
nao ha tempestade nos ceus

mas o universo torna-se menor
e venta nas sombras dos seres

bloominton

1979

cinemascope viii

esta inteira pagina de papel
se rasgada no ponto certo
sera apenas uma folha de solidao
abaixo a chuva enxuta de garoa
dilacera-se em gotas e chuviscos
em tua brevidade de respostas
solidao
corre atras da chuva
aos quilos de algodao
e volta-se a folha inteira
folha de chuva
pagina de solidao

ambas ao retorno casa mestra
onde nossas folhas de desfazem
abaixo abismo busca brusca de rio
desfolhadas folhas de chuvas
a espreita da pagina final

los angeles
1986

as asas de elisios

se a tristeza sorrateira serra-te a boca
despejando-te o halito sobre roxas pedras
daquelas cobertas de um limo agreste
circundadas de cabeças-de-prego risonhas
e gozando do perfume de flores triviais
curva teus olhos além da reta e desfruta
do toque elisio que em dezembro se esvai
beijando cada palma em olas
acariciando cada espinho
e voltando em revés para o ventre do rio

o que foi feito de teus pesares
onde deixaste a toalha com que te enxuguei
e a face e os pés rosados
naquela tarde de agosto
para onde fugiu aquele teu olhar de ansia
aquele teu desejo de beijos
e o frio que sentias em meus braços
onde deixaste o sagrado de nossos momentos
em que gaiola soubeste prender a alegria
conta-me tudo da fuga e das roxas pedras

se a tristeza sorrateira serra-te a boca
e sobre meu peito que teu halito jorra
e minha tristeza em tua boca sufoca-se

forjemo-nos anjos azuis
e fujaamos do ciumes dos serafins
saltemos nas asas do elisio
que em volteios volta ao ventre deste rio

salvador

1978

vento ou brisa

bracos em brasas
ansia agressiva
silencio de mar
curva de ceus
dor de violencia
todos os tracos possuem uma realidade aguda
que corre pes descalços sobre o cruel poente
de fantasmas onde o ultimo grito atonito rele
a ternura que sai de minha sacola plastica e
corre em direcao a teus ombros fatigados de
apertos sobre o chao rosa em frente de espelhos
felicidade de felicidades
gozo
de ser
sinos
a repicar
a gloria de dois
amantes
unidos
de continente
a continente
pelo repouso
que segue as horas
de delirios
secreto
dois destinos
uma unica sede

bloomington

1983

heraclito ii

ewig ewigkeit

relogio de ruidos
a marchar macio
teus olhos nos meus
o porto aponto
o galope em desespero
sem resposta
murmurios de tremor de madrugada
morna
teus pes meus labios
o vento vislumbra
os volteios entre vozes
teu ventre meu halito
da serra saem as vidracas
sismicas da manha
teus bracos
saltos soltos salvos salve
salve avestruz sagrada
meus bracos
sobre o sol saltam as asas
do silencio
minha solidao
com vento vou com vento
volto e fico

imagens
sobre a egide reflexa no espelho
de desejos
apenas
somos relógios de ruídos
a cortar o rio
para permanecer rio
de espelhos
teus pés meu halito
porque sim
repetição infinitesimal

bloomington
1983

nova musica

ha silencio
sobre a cidade
ha silencio
de tuas palavras
nao
palavreadas
os carros
correm
sem gritos
as gentes estacionadas
nao gemem
nao ha sinal de protesto
na avenida
os fumantes afugentam
o fogo
a musica
arabe
martela-me os timpanos
ha silencio
em cada nota
de disco
de tuas notas nao tocadas
no violino
que se mumifica
sobre a mesa
apesar dos cortes
de faca de aco branco

tento gritar-te
sobre os pontos centrais
mas a voz vagueia-me
sobre o vazio
de silencios espero-te
do outro lado do muro
ouvir teu apelo de morte
de febre de força de facas
de vida
porque ha silencio
sobre a cidade
e sobre tuas palavras

bloomington
1983

imitare limitare

iii

somos filhos de nossas paisagens
que comandam as atitudes e os passos
mesmo a medida final do pensamento
nao lhes escapa o fio do machado
tuas duvidas que contam tanta ansiedade
e tanta rede de xareu pulando de verdade
um ser diverso dos coqueiros de mangue seco
embora as vezes reflitam conflitos
com o viver verde dos rios
e dos dias de neve de nova iorque
julgar-te sem julgar tua paisagem
e julgar um julgamento desterrado
da verdade que te respira os atos
pensar que existem sem meus labios
e pensar aquilo que te e alheio em pensamento
querer poder viver sem os meus gritos
e negar aquilo que nao pode ser negado a um guerreiro
pois que constituo tua paisagem mais secreta
onde imaginacao e filmes coloridos
com dividas e conflitos
com conflitos e duvidas

todas filhas da mesma paisagem
com a qual me visto toda tarde
para receber-te aberta de sol e de areia

nova iorque
1984

precisa voz

quando comeco a escrever-te
emociona-se o tinteiro
as pontas frias da pena
tornam-se rubras e tremulas

um claro calor humano
possui o parto e o papel
quando comeco a escrever-te
escrevem-te tambem meus ossos

ouco o latejo em palavras
a procurar o teu centro
fragmentos de ternura lancados
de sangue a sangue e de desejo a desejo

es o passaro que persigo
es fogo ar ceu es ninho
carne maos olhos e alento
nudez de meu sentimento

sem roupa para sentir-te
para pedir-te que sonhes
para ouvir-te entre meus beijos
as coisas nao passam moram

bloomingotn

1981

imitare limitare

ii

no momento que me cavalgas
nao como escribes mas como amante mesmo
em uma especie de viver veloz
retorno no tempo repetidas vezes
tempo e vezes de memoria
ora utilizo-me de teu possuir-me
como desculpas de algibeira
para escrever-me em telas as pernas
e sempre que me encontro aos pes de tua cama
como de joelhos aos pes de sinagogas
sinto-me hibrido
na ausencia de guardanapos verdes
dirijo-me triste a varanda morubixada
sem qualquer pensar as maos
e entre o cair da noite e da manha
penso em teu espaco branco
por um instante esquecido
contemplo-te em cada rua de cidade
transformada
o suor corre-me pelo rosto palido

unindo o escriba e o amante
repetidas vezes
neste retorno sem retorno ao tempo
congelado no mundo híbrido da memória

nyc

1984

o trem e a vida

a judith grossman

o trem passou em minha mente
e nem teve tempo de apitar
o trem dobrou a curva redonda
e nem gritou café com pão
o trem parou na estação
e nem soltou a roupa do passageiro
o trem cortou a montanha de ferro
e nem notou a agonia das árvores de maio
o trem rasgou a cidade em duas
e nem bocejou como os homens no eterno sono
o trem cantou no aço dos trilhos
e nem rolou no mundo da roda rasante
o trem curvou a rota da destruição
e nem teve tempo de sentir-se trem
o trem dormiu na beira da estrada
e enferrujou sem um único apito
sem um único grito

SUOR

um tijolo outro tijolo
se unindo a argamassa
de areia bruta
de cimento
molhados com suor do operario
um tijolo acerta aqui acerta ali
e a parede sobe em fortaleza
a proporcao que o homem
se enfraquece aos res do chao
um tijolo um grao de areia
na mao adestrada da enxo
picareta que nao cava
pa que nao recolhe
o suor ja parte da argamassa
um tijolo dois homens
na espatula do dia de janeiro
todos juntos para alcar a fortaleza
que enfraquece a vida
e obstrui o caminho da luz
um tijolo mais argamassa mais suor
um balde de golpe jogado ao leu
e a fortaleza sobe vai as nuvens

cafe sem cafe

e hora do cafe da manha
a mesa posta
uma lembranca longe
e um bilhete preso a xicara
pao integral nao ha
como se faltasse com a voz
um pires imerso no silencio
reflete sobre as maos que o tocaram
e me diz da partida na manha
o cha de cevada ja frio
esquenta a imagem
e tu corres sem presenca ao fogo
da batalha com o nascer do sol
no bilhete a fala de amor
refletem-se-me nos olhos cabelos encaracolados
envolvendo-me os dedos
a fala de volta no comeco de espera
tudo e imagem
de quem parte ruindo na tristeza da manha
imagem de partida

quatro silencios

no murmúrio de silêncio em sonhos
respiro teu colorido em desejos
todos em rigidez de externos rumos
estendendo-se sobre a aresta de mares

ela vira-me a mesma face ao longe
metade presença metade imagem
o vento rodopia sobre as voltas e
tudo em meus olhos anseia os teus

a cachoeira racha o riacho
um sorriso rasga o meu rosto
quando deito-me entre quatro silencios
e vejo-te na relva impaciente e plena

salvador

1981

contando estorias

sabado a tarde todos corriam
entre os polos dispares da tesoura
que corta que corta que corta
e nem perceberam a nova fase
a brilhar em teus olhos de promessas
de construcao em riste conta

sabado a tarde todos voltavam
no metro que corta a broadway
que corta que corta que corta
a broadway
e nem sentiram na alma ausente
o encurtar da distancia
da avenida que te une ao infinito

sabado a tarde todos partiram
ao chegar o desconhecido maior
com pedidos secretos a tua boca

neste sabado a tarde por favor
conte-me a estoria das estorias
e nao mate meus personagens virgens

new york

1983

a casa da noite

batia o sino da meia noite em ponto
no roteiro da cidade colonial
um charriot e seis aventureiros
correm de pizza em pizza
correm de praca em praca
correm ao jardim livido de saudade
a lua cai em fachos sobre os olhos
e as flores saltam de solo em risos

batia o sino da meia-noite em ponto
o charriot de aventureiros em voltas
canta nas curvas do silencio raso
todos em busca de diamantes raros
debrucam-se ante vasos de cafe com leite
queijo e presunto em forma de vida
e vagas lembrancas de corais e sinfonias

batia o sino da meia-noite em ponto

mucuge

2001

o verde-vermelho nao tem carro
nem anda a pe
dilacera a cor do olhar na sua frente
com o risco de nuvens
ele enegrece sobre palacios
a riqueza jaz estendida ante a calca
do mendigo
quantos mortos giram ao meu lado
quantos
estaticos nas filas de civilizacao
quantos sentados nas dobras de gorduras
quantos e quantos
sem forca para lutar contra a injustica
contra a fome
quantos se molham na chuva discutem
na guerra sozinhos
os passaros quantos ja nao ouvem
nem o mar
e o espetaculo das ondas
quantos
e o fim simbolico de tarde
adormecido no centro do vermelho
que pode ser rubi neste mercado
o homem devora o outro sem arredo
e vomita ouro no fim da madrugada
se alguem viu na carne os gritos
devorados como peso de acougue
silencio obrigatorio nao restou pois
e criminoso testemunhar tal crime

atenas/grecia

1976

punhal de amor

assim partiu o luar
chegou a tarde de prata
cantou o galo de ouro
dancou a garca divina
com sua pinta na testa
partiu o demonio torto
deixou o fogo sem cinza
e carnaval sem mulata
rasgou o pano da vida
arrancou-lhe o coracao
disse da volta da lua
nas noites que nao vivemos
e sobre o manto sem manchas
quis pintar o sete em negro
mas ai chega teu riso
abrindo caminho a fogo
corta do demonio os dedos
as pernas e chifres tambem
poe tudo numa gamela
mexe com suco de ferro
abrindo a porta da rua
corre na frente da mula
bem junto da caipora
joga-lhe o demonio aceso
sobre as folhas de janeiro
retira-me a ultima forca
guardada no claro alforje

corta as folhas de guine
cruzando-as com um punhal
reza ate uma rosa-cruz
nostradamus e sentinela
limpa todas as entradas
para o chegar do futuro
planta rosa ao pe da porta
pedindo-me que visse nela
junto com o sol de maio
o encanto dos amantes
com seus cantos de euforia
vestidos de azul e misterio
em plena tarde de prata

indiana

1985

enquanto viver

enquanto viver lembrarei dos teus olhos
guardarei o teu cheiro e teu gosto
e se quando nem me sumo memoria houver
ainda assim te sentirei no vento na chuva
para enfim pedir ao sol que me queimes
e me faça sentir em teus braços como antigamente

foste o zangao no voo da abelha prometida tida e
vencida contaminando as leis da propria natureza
e se monta uma cigarra te cantaria contaria
em noite de calmaria toda a minha saudade
e dor como doia dor ia

enquanto viver lembrarei dos teus olhos
guardarei o teu cheiro e o teu jeito
e se quando nenhuma memoria houver
ainda assim o vento ha de soprar alguma
poesia
e nao completamente morta hei de sentir-me
entao
sem ti a vida e apenas um tempo de memorias
sem ti nao posso escrever novas estorias

jerusalem

1976

abelha e dalia somos nos
sempre-viva abelha nos somos
mensagens da natureza
como nos dimensiona
abelha e rosa somos nos

juriti selvagem jurarias
juriti selvagem
tua pele pede
que me deixes penetrar-te
peixes longinquos onvem-na

o eterno e simples
algo misterioso mediu-me
nao foi um pato
nao foi um gato
nao foi um sapo
nem foi tampouco um jato

as nambus brindam unidas
sera prisão
a lua responde lavrando a liberdade
o vento responde voando em vagas
sobre nossos corpos
sobre nossas penas

o que significam todas estas cantorias
o que significam todos teus beijos retidos
ouço o grito das ondas em extase

as nambus repetem para o nada
sigam rios

quando levanto-me sou arvore
folha como sera que me queres
os lagos precisam de cisne
o cardo de uma rosa
ambos de amor e sol

os passaros disseram
luzes luzem com os astros
o ar quieto a espera do fogo
as poeiras do passado
querem viver seu agoismo a parte

abelhas e flores cavalgam este inverno
buscando uma primavera de peixes
onde palavras sob palavras palavreem o enunciado
a hora da grande largada

salvador

1981

pastores azuis

dalila chegou tao derrepente
e plantou flores na janela
deitou um raio de luz
no sofa despudorado e
mesmo assim tocava flauta
para os pastores azuis
na esquina da quinta avenida
sua cançao nao acordou dos passos
que correndo vazava a nave voadora
grafando o pensamento
voador que varre
tao expresso tal o trem
receioso que dalila passe entre seus olhos
e plante uma nova flor
qual seu personagem predileto
sobre para nos seu mesmo destino
nao esconda a marca de solidao
que lhe acorrenta
o nao dito enegrece
o nao dito destroi
sei do sim que preso de gaiola
cruzou o outro lado do rio
deu meia volta no azul dos pastores
e pousou no vazio da janela
brasa em sua face incompreendida
diga-me duas estorias decifradas
para ouvidos de pastores

pastores da manha
lavados com saliva
banhados de azuis
e plantados no voo devorador
que vimos passar rente
ao quintal do riacho das margaridas
ao som de faltas e de flautas

nova iorque/bloomington
sem data

Olhar retroflexo
Labios dentes e dedos
De prazer em prazer
Navego as curvas seguras
De teu barco alçado

Na memória atenta cada gesto
Cada olhar
Cada suspiro
A penetrar-me o cérebro
O sangue
Os olhos
As narinas
A consciência

Olhar meu reflexo
Direto retroflexo linear
Correndo-te cada aspecto
Cada aresta
Cada pico sem neblinas
Cada escarpa
Cada curva sinuosa
A desafiar-me os sentidos
E expor-me ante o perigo
E desafios

olfato e gosto de prazer intenso
cruzam-me filamentos
dos olhos
ouço-te atomo
cada desejo contido na memoria
e vejo vivo a voz
carne com pimentaõ durante a tarde

capao

1999

jogo ateniense

carta carto

parto porta

olho nu

novelo ovo

talho pano

pouso novo

vela acesa

vaza rua

tua cara

carta crua

talvez surta

porto aberto

raso riso

rosto reto

teus olhos

riso tartaro

raso da catarineta

largo olhar

teu poema

luz acesa

aceso olho

certo pouso

riso novo

dorso manso

selva cavalo

salvo engano

gato preto

porte certo
telha rastro
reto plano
revesa verso
pronto prato
sirvo-te bandeja
reteza vela
mar em aberto
acaso vejo
olhos riso dorso
rosto seio sombra
sela nada estribo

egua alaza
pastoreio zebu
restea faca
cama casa
pronta mala
porta fala

abre-te sesamo
entrar deixa-me

bloomington
1986

o todo metade

se o amor quebra-se em metade
retiro a sombra e medito todo
as energias concentram-se em enseadas
one o gato preso ve o ato de pular

pedra ausente grita-me ao ouvido
em cada indecisao inserida em teu seio
a metade se metadeia em voo meridional
mas porque correr quando se sabe o fogo
porque temer as sombras do amanha
que insistem em cismar os sois

hoje outras modificacoes foram mitificadas

sobre cada curba cada arquipelago
que maneja tue dorso em celere galope
cada metade volta a metadeiar-se em risos
onde o todo se faz calma a espera do hoje

new york

1981-85

as maos de borges

a andrei ribeiro de jesus cerqueira

naquela noite ante faces esqualidas
fotografei a fe de jorge luis borges
naquela noite de marco mao na mao
tremulos andrei e o outro mastigavam
versos de coerencia altura e sombra
a embriaguez de um mudava-se em magica
para a sede do outro os dois andrei e
borges frente a frente em uma ausencia
apossaram-se de minhas maos e rindo-se
transformaram-nas em outras intimas
com as quais fizeram versos beberam
agua gelada tocaram a bengala tremula
apoiaram-se em meu ombro distantes
e deram-me outro boa noite mao na mao

bloomington

marco 1980

as tres irmas de alberta

entre um flanco e outro vejo-te
irmas triplices imantadas
a tocar-me a face ante o nada
resfolego-me em tuas reentrancias
releio-te a luzidia gravidade leste

teu corpo rochoso roca-me os sentidos
teus asperos cabelos cortam-me no centro
da existencia mestra onde faco-me arvore
a beijar-te os pes

em cada atomo de teu mundo sólido sinto
vazar meu sangue neste verao precoce
esvazio-me am ansia por teus escasso beijos
velocito-e e ao velocitar-me calo
contemplo teus cortes em mim mesmo
e ja nem te percebo contemplada
nesta emocao que se infere infinita
quiserea beijar-te as oitocentas curvas
a fustigar-me com desejos freneticos
tocar teu sexo central mais oitocentos metros
na direcao de banff ou de vancouver
prometo recontrar-te dilacerada em afetos
perdida nos meus bracos esquerdo e direito

tres irmas
reflexo retroflexo do meu incesto imaginado
ja nao suporto este fogo que me sufoca a alma
nem a inercia de teu olhar de pedras

como resistem tuas reentrancias montanhosas
ver-me em sofrimento sufocado
e nao cedem ao encanto de minhas maos
busca aflita de teu apice
busca de tuas encostas escarpadas
de tuas coxas reluzentes

de teu seio rochoso e gelido
sinto-te a partir-se em meus olhos
fecho-os ao abri-los ja se me escapas
com o momento
e os sentidos
os dedos tensos densos e desditosos

sou silencio inacabado diante de tua indiferenca
o sobre teu corpo rochoso
ontem tremendo diante de meus gozos
facote do todo a desfazer-se no nada imaginado

los angeles.calgary.los angeles
sem data

a fala dos passaros

era assim que os passaros
falavam do futuro
quando o sol
baixava
redondo
no centro
de teus sonhos
os passaros falavam
a audiencia
jazia em domino
o aviso era fatal
de lei segura e liquida
os canticos rolavam
sobre a nudez da calcada
os centauros domesticados vomitavam
um bilis colorido
de passos gigantes
entre vozes
vozes de passaros
e de sonhos
enquanto passas
crianca
uma
duas
olhos enormes
e negros
alem da face

agua amarela
sem reforma cubica
passei eu
uma
duas
olhos lategos
pisou-me um passaro
acordei em pleno sono
ao lado
com passaros em pausa
a falar do mesmo futuro
que te falei naquele ano passado

new york

1985

retorno inacabado

envolta nos ruidos do metro
em pleno por de sol a lavar as aguas
chumbo da baia de todos os santos
tu voltaras
em cada reconto em que te busco
a despertar-me o nada do quarto vazio
em cada alarido e lagrima esperados
chocoteia a pavor da indiferenca
em silencio
como estender-me nas milhas de distancia
se tenho-te viva agua na retina palpitante
por que sera que teus ouvidos loucos
nao deglutem minha cor de voz entreaberta

envolta neste plumbeo monotono
pareces ja partir no meu ato de chegada
hiato de ameacas ameacas de hiato
na leitura va de signos sem sonhos
so o codigo morta da mosca azul
me desvendaria este nada de navios
nesta tarde defuntos reluzentes
ausentes de tempestades e de sonhos
nao podem encontrar espacos em nossa casa

enquanto isso espero-te na esquina da rua principal

nova york
1985

memoria dupla

ja sem teto
voa o urubu-rei
cuja praca
foi pintada
de cimento
sobre o arido
ausente
amante de rei
ja nasce
uma mangueira e outra
a dar sombra
e os anos passam
passam-se nuvens
em ceu de cores
ontem deitei-me
em teu colo
de verao eterno
deixei-me cair
na face
raios de sol
que penetram-me
a claridade
sem folhas
sombando de flores
e de flores
banhando-me de luz
e de luz expressa

hoje na enseada
de guanabara
sem sol sem sol sem sol
sem sol sem sol sem sol
imagino-te
mulher mangueira
da praca de urubu-rei
entrando entras
nas venezianas
de copacabana
abrindo abres
espaco estado
onde es o meu exotico
so alem de laranjeiras
beijei-te
labios a ouvir-me
a musica contada
com colarinhos
pontilhados
em relampagos
a lembrar
assovios de coqueiros
possuidos possuias
cigarras eternas
de breves gritos
de breves gozos
de breves risos
de breves breves
faces dormentes

de dormidas faces
fazem em fortes
frente em riste
sem forca
maos cruzadas
as farsas feras
assanhacos retilineos
de voo razante
sem penas nem pena
nesta inercia de tarde
musical
retenho-te risos
vivididos na praca
do urubu-rei
em tempos de festas
de debutante entrante
e de ausencia
roletes e bagaco
de cana caiana
em dia de brisa
acucar e sombra
sombra e agua fresca
distante da aroeira
teus labios teus
labios teus labios
tuas lagrimas
nao choradas
festejam-me
gotejam-me

bordejam-me
e juntos juntamo-nos
as penas a nascer
no urubu-rei
imaginado
a brincar de tarde
com nossos olhos
e com toda existencia
do silencio
a beijar a praca

baia de guanabara
1985

fiesta xxiii

a primavera paira muda
é extrema a quietude do dia
o barco sem vela balança-se
nas trevas morosas do mar

a estrela ascendente cega
a brancura dolente do quadro
esqueci-me a primeira palavra
que luzia da lua de marte

abaixo da porta do templo
uniaio de pes sem passos
marcha a grandeza do drama

a flor da experiencia fosca
dorme no colo acordado
bruxeleando no cardume de barcos

bloomington
march 1979

fiesta xiv

o trovao riscou no dedo do corredor
a casa toda penteou-se em petalas
podia-se ouvir a voz lenta do silencio
quando a crianca saia da caverna da morte

corisco cortou no tremor do terreiro
em frente ao vidro da janela da vida
era um campo de batalha comprido
coberto de balas e ossos de peixes

o recém-trinado tiritava de frio
apesar do apito que vinha do espeto
e dos murmurios de estacoes de rios

uma correria que foi e que vinha
vazando chuva de ceus e de fontes
sentava-se contrita a espera de ecos

bloomington
march 1979

fiesta xi

teus oitos anos
de sonhos impossíveis
vazam-te das temporas
e do riso recondito

as tuas tentativas
de comer continentes
eterizam-se em álcool
sobre andentes areias

teus grunhidos de grandeza
laminas frageis de capim
adornam a nudez do mundo

neste insano instante
chegas cobrando as chamas
sons sonhos de medonhos

bloomington
march 1979

fiesta xxxvi

os ventos do sul vozeiram
primeiros gritos de primavera
no pais a na carne do carnaval
em volteios e enleios do universo

os cortes das cordas cantam
a chegada do cego de anjico
mas os sonos distante sombras
ventam fino sobre o destino

flores nao veem gravetos
nem a ternura do norte
por sobre a lua de cera

nao ha tempestade nos ceus
mas o uniiverso torna-se menor
e venta nas sombras do seres

bloomington
march 1979

jogo de arraia

a dimitri argolo e cerqueira

sobre um azul mediterraneo danca
teu periquito branco de abas bordadas
danca a rabada de barbante puxada numa
linha de fio zero com emendas teus olhos
retiram as lagrimas do pacote plastico
e dançam ao ritmo do jogo de arraia
entre uma e outro danca segue teu corpo
tuas calcas curtas o marrom de teu capote
e do capim a tristeza de teus cabelos
loiros danca com a ausencia alegre de
teu sorriso que se estende para a
chuva seca de meus labios de meus olhos
de meus pes de meu tudo que ja corre
em teu ritmo perdidos no jogo de arraia

boco do rio/bloomington

1980

como serrar-me o halito
nestas sombras de mare vazante
como compreender teus movimentos
de oceano atlantico em mes de marco
e segurar-te os versos
e beber-te o pulso
como esquecer-te os gritos
lentos ao meu lado
macios como o quebrar do mar em praia rasa
ou pedras roubadas do mar em praia rasa
ou pedras roubadas da areia de mangue seco
sob misteriosos coqueirais
chupando pitanga
e rindo feito besta

como nao visualizar o soldado abandonado
morto pelos verbos de minha prosa
tu possuis o meu chapau de verbos
equanto imploro-te
os minusculos espacos exteriores
selvagens como estrelas
em volta da volta da noite de sexta-feira

teus sonhos com rastros
e noite de estrelas via lactea
teu ato de oceano indomavel
chegando mas sempre a fugir da praia
sim claro entretanto e entrementes
deixa-me roubar-te a ultima existencia
deixa-me fazer-te o meu ultimo verso

new york
1985

punhal de amor

assim partiu o luar
chegou a tarde de prata
cantou o galo de ouro
dansou a garca divina
com sua pinta na testa
partiu o demonio torto
deixou o fogo sem cinza
e carnaval sem mulata
rasgou o pano da vida
arrancou-lhe o coracao
disse da volta da lua
nas noites que nao vivemos
e sobre o manto sem manchas
quis pintar o sete em negro
mas ai chega teu riso
abrindo caminho a fogo
corta do demonio os dedos
as pernas e chifres tambem
poe tudo numa gamela
mexe com suco de ferro
abrindo a porta da rua
corre na frente da mula
bem junto da caipora
joga-lhe o demonio aceso
sobre as folhas de janeiro
retira-me a ultima forca
guardada no claro alforje

corta as folhas de guine
cruzando-as com um punhal
reza ate uma roza-cruz
nostradamus e sentinela
limpa todas as entradas
para o chegar do futuro
planta rosa ao pe da porta
pedindo-me que visse nela
junto com o sol de maio
o encanto dos amantes
com seus cantos de euforia
vestidos de azul de misterio
em plena tarde de prata

indiana

1985

cantiga ixx

meninaminhamenina
vejo-te o olhar e a sina
que se me abre o seio
já se me fecha a esquina

a garra esbarra
e a onca amarra
teus labios sao meus
e no meu peito esparra

ouso ser-te o desejado
a te conter todo pouso
dormir cantando ao teu lado
e gaguejar sem repouso

de cima e que vem a lima
de teu umbigo o calor
de teu riso a rima
e de teu ciume o pavor

ouço os gritos de fuzue
nem pense que e gozacao
toda esta rima cliché
reproduzida sem chao

sinto com sinceridade
este veio de graxa e

que parte caixao de defunto
e volta com felicidade

ouro so nos deu agouro
mas contens o meu tesouro
vem me dar o que eu peço
a flor o beijo o besouro

tu chegas com a cheganca
traz-me ja tua mudanca
embola meu corpo no teu
e me arranha na danca

alegro-me com tua alegria
consumindo-te a energia
pedindo no escuro quarto
samba tambor bateria

aquem deste vai e vem
dispo-te a saia tambem
e cubro-te toda de beijo
no escuro do armazem

terezaohterezinha
das guerras tu es rainha
vem correr sobre meu sexo
sem grito nem ladainha

o muro e que faz a rua
minha vida faz a tua
vem menina foge comigo
para o lado escuro da lua

indiana
dezembro 1985

estoria de livro

a moca ruiva lia um livro
de liberdade e de besteira
aplicada
era ruiva e lia
com uma face morena
olhos castanhos
sobrancelhas negras
um riso atraente
com seios de india apartados
num corpo magro e voraz
nadegas redondas
pernas longas e com chiero de mulher
nas axilas conhecidas
a moca lia
seria
enquanto eu entretenia-me
dispindo-te a tanga
e beijando-te a imaginacao
a estoria deveria
ser interessante
pois a moca lia sem mover os olhos
talvez falasse de calor e de desejos
ou de amores dificies
dificies de ser confessados
em voz alta
pois sentia-se nos labios
da moca ruiva um apertar

e um largar
estranho e conhecido
cada movimento de sua boca
determinava um da minha
em tua direcao
como ser alheio se nao ha espaco
entre flocos de chocolate
e a praia vazia da pituba
come ve-la tao absorta
e possuida pelo erotismo
da estoria
sem ver-te correndo de meus bracos
a moca ruiva lia o livro
para cade palavra tinha um olhar
e expressao de desejos redondos
entre a moca e a ditancia de meus sonhos
haviam flocos de chocolate amargo
quero ouvir-te os gritos
mas a moca le em minha frente
a voz que possuia foge-me dos labios
que parecem habitar os personagens
da estoria lida pela moca ruiva
estoria de ardencia e liberdade
que a moca ruiva segue lendo
tao dispersa
mas com os labios tremulos

los angeles
december 1985

Colofão